

IMAGINÁRIA URBANA NA CIDADE DE VASSOURAS NO RIO DE JANEIRO: a construção de uma memória social republicana

Gerlane Bezerra Rodrigues¹
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Resumo: Este artigo visa examinar a construção da memória social a partir da análise da imaginária urbana na cidade de Vassouras, no estado do Rio de Janeiro. A despeito da tradição historiográfica que apresenta essa urbe como a “cidade dos barões”, marcada por uma identidade aristocrática do período imperial do Brasil, a imaginária urbana reivindica outra leitura, na qual exibe a cidade pela afirmação de uma identidade republicana. Essa perspectiva, só foi possível a partir do contexto de redemocratização do país, momento em que houve um aumento expressivo na promoção de imagens urbanas cujas narrativas incluem memórias antes desprestigiadas, *marginalizadas* e excluídas do tecido social urbano. Assim, pois, a partir das imagens urbanas erigidas no espaço público, a cidade passa a expressar uma polifonia de memórias, as quais se caracterizam enquanto metáforas de poder.²
Palavras-chave: Imaginária Urbana, Memória Social, Democracia.

Abstract: This article aims at examining the construction of social memory from the perspective of an analysis of the urban imaginary in the city of Vassouras located in the state of Rio de Janeiro. Despite the historiographical tradition that presents the city as a “city of barons”, marked by a conservative and aristocratic identity that can be traced to the imperial period of Brazilian history, the urban imaginary claims another reading in which the city is presented as a positive assertion of a republican identity. This latter perspective is intimately related to the process of redemocratization of Brazil which has prompted a significant increase in the promotion of new urban images that tend to include narratives previously discredited, marginalized and excluded from the urban social memories. Thus, the urban imaginary of public space lends the city the character of a polyphony of memories, which should be understood as metaphors of power.

Keywords: Urban Imaginary, Social Memory, Democracy.

Introdução

No século XIX a cidade de Vassouras tornou-se um grande centro de produção cafeeira, uma das mais ricas cidades da província do Rio de Janeiro. Stanley Stein sublinha que “A fazenda de café de meados do século XIX era a base da economia nacional: seu núcleo político, econômico e social”. (Stein, 1990, p. 13). Para Celso Furtado, a cafeicultura no Vale do Paraíba contou, no seu início, com os recursos ociosos advindos da decadência da mineração. Esse fenômeno, associado à disponibilidade de condições humanas e materiais, possibilitou a rápida expansão cafeeira no Vale (1968). Como a Proclamação da Independência política, em 1822, e a Constituição de 1824 haviam garantido a continuidade da escravidão, o trabalho escravo foi absorvido pela lavoura cafeeira.³ Em menos de

cinquenta anos de exploração intensa, o café transformaria radicalmente o modo de vida rural daquela região do Vale. Entre os anos de 1853 e 1854, “a agricultura do município desenvolveu-se tanto que deu asas ao comércio e, sobretudo, à indústria de Vassouras”. (Lamego, 1963, p. 96). Nessa conjuntura, o Vale do Paraíba se tornou o centro da economia do Segundo Império, sendo a região mais agraciada com os títulos de baronato. Esses barões do café controlaram não só a economia como também tinham influência na política do Império até o longo e progressivo início do processo de enfraquecimento e decadência da economia, que começou a se configurar a partir de 1870, momento em que o Vale apresentou os primeiros sinais de decadência (Stein, 1961).

Conforme a apreensão historiográfica, Vassouras guarda a observância de um passado, o qual incorpora atributos conservadores aristocráticos, traços delineados pelo perfil da identidade imperial, que, no século XIX, ⁴ era movida pela riqueza, poder, proeminência social e política de sua elite rural aristocrática. Partindo dessa evidência, a memória dos barões do café marca a identidade da cidade de Vassouras na História do Brasil. Entretanto, podemos afirmar que existem outras leituras do passado da cidade, que podem ser observadas a partir do estudo da imaginária urbana, no qual verificamos elementos e atributos de uma memória social republicana⁵.

Reflexões acerca da imaginária urbana

A imaginária urbana de caráter histórico e artístico pode ser considerada uma unidade de significantes, um suporte de mensagem no contexto da sintaxe urbana. Como inscrição na paisagem edificada, ela participa de uma estrutura de significação do território da cidade, operando uma articulação entre a ordem espacial e a ordem temporal, revelando conteúdos históricos acerca da sociedade.

Paulo Knauss.

O termo imaginária urbana⁶ apresenta um caráter amplo, variado e complexo, o qual fundamenta um conceito que comporta uma multiplicidade de objetos materiais, que se acumulam nos espaços públicos das cidades: esculturas, marcos, placas, ícones, chafarizes, estátuas, conjuntos monumentais, monumentos, objetos decorativos, etc. (Knauss, 1998). Como os objetos da imaginária urbana demarcam pontos fixados em determinados espaços, ela transita por diversas temporalidades, realizando novas interpretações que podem surgir compondo e/ou modificando as relações entre a imaginária e a sociedade.⁷ A imaginária urbana caracterizada pelas imagens urbanas, expostas nos espaços citadinos, podem se tornar

em referências materiais significativas do passado e, nesse sentido, participam da construção de memórias e, por conseguinte, da identidade dos grupos sociais.⁸

Podemos considerar, então, essas imagens urbanas como objetos de uma coleção compreendida a partir dos pressupostos conceituais definidos por Krzysztof Pomian (1984). Esse autor enumera quatro critérios para definir uma coleção: primeiro, são objetos acumulados fora do circuito das atividades econômicas; segundo, devem estar em lugar fechado; terceiro, devem estar protegidas, e quarto; devem estar exposta ao olhar.⁹ Para Pomian, uma das funções principais de uma coleção é o propósito determinado de garantir uma comunicação do visível com o invisível. O visível é parte integrante do mundo real, dos vivos, enquanto o invisível é aquilo que não se vê e que se encontra no mundo dos mortos, no passado. Esse fenômeno da comunicação com a esfera do invisível é universal, está presente em todas as sociedades, ultrapassando as fronteiras do tempo, em todas as classes de objetos acumulados e também em todas as relações entre os objetos de uma coleção e seus destinatários. Assim, então, a disposição dos objetos ao olhar define ou estabelece a relação de comunicação entre o mundo do visível (presente) e do invisível (passado). Nessa ponte entre esses dois mundos, a memória se torna sacralizada no objeto que se encontra exposto ao olhar dos homens e dos deuses (Pomian, 1984).

Essa prática de colecionar as imagens urbanas nas cidades conduz uma dinâmica do olhar sobre a cidade. “Pode-se dizer, então, que ao conduzir o olhar, a escultura conceitua a cidade ao propor uma produção de sentido particular”. (Knauss, p.1, 2003). Dessa forma, conforme sublinha Knauss (2003) “a história urbana pode ser tratada a partir da escultura, na medida em que caracteriza uma dimensão da história do olhar, especificamente, o olhar sobre a cidade”. O costume de distribuir imagens urbanas nas cidades teve sua matriz num movimento iniciado na França do século XIX, que ficou conhecido por *estatuamania*.¹⁰ No Brasil, esse movimento de erguer esculturas públicas teve início no mesmo século, na cidade do Rio de Janeiro, então sede da Corte Imperial, no Largo do Rocio, em março de 1864, quando foi inaugurada a estátua equestre em homenagem a D. Pedro I, destinada a celebrar um personagem da história do Brasil (Knauss, 2003). Marcelo Abreu pontua que:

À primeira vista, pode-se acreditar que o erguimento de esculturas públicas nas cidades seja um movimento neutro. Contudo, sua pesquisa evidencia que a história da escultura pública é um campo de disputa em torno de imagens urbanas que identificam a coletividade e o seu lugar de localização. A lógica monumental da escultura baseada na estrutura narrativa e no estabelecimento de relações entre ordem espacial e ordem temporal no plano do simbólico, se torna uma operação historiográfica socialmente compartilhada a partir de

rituais de promoção do projeto escultórico, subscrição pública, inauguração e culto. Como recurso de memória a imaginária urbana escultórica se revela um capítulo da história da imagem como produção social. (Abreu, 2001, p. 6)

Knauss argumenta que a cidade do Rio de Janeiro, então Capital do Império do Brasil, ao erigir a imagem de D. Pedro I, estabeleceu uma consagração histórica e celebrou um personagem da história nacional. Por essa ótica, a cidade apresenta uma memória imperial tecida por fios de bronze, que assume uma posição de vanguarda no movimento de disseminação das imagens urbanas de caráter histórico nos centros públicos citadinos do Brasil. Ainda, no século XIX, na cidade de Vassouras, foi erigido um monumento para homenagear D. Pedro II.

As imagens urbanas como emblemas da cidade, instauram no plano simbólico a identidade urbana da cidade. Como metáforas de poder, as imagens urbanas se tornam instrumentos do poder simbólico, sacralizando e legitimando a ordem social vigente e as estruturas de poder da sociedade. A imaginária urbana afirma, então, a cidade como espaço de poder simbólico. (Knauss, 1998, 221-222)

O erguimento e a promoção de imagens urbanas com o intuito de homenagear personalidades e eventos da história nacional se tornou uma prática recorrente no Brasil, como exemplos: o soldado brasileiro, figura do Exército ligada às guerras, e o Presidente da República, Getúlio Vargas¹¹, são personalidades, eventos e temas predominantes nas cidades brasileiras, no século XX, até antes do processo de redemocratização da década de 1980. Para legitimar o erguimento dessas imagens pelo poder público (Estado), elas trazem um discurso grafado, geralmente em placas de bronze, que promovem o princípio de gratidão. Tal princípio, conforme sublinha Knauss, estrutura a instauração da imagem na relação de gratidão que se estabelece da sociedade em direção ao Estado. Assim:

Ao venerar o fato do passado e o personagem sacraliza-se a própria ordem social presente, articulando os tempos a partir da história do Estado. Aos povos cabe agradecer [...] esse princípio de gratidão instaura as bases da relação da Sociedade com o Estado a partir da construção de uma memória acerca do passado histórico que afirma a vontade geral como medida da unidade nacional. (Knauss, 1998, p. 81).

Podemos afirmar que quase todas as cidades brasileiras possuem imagens urbanas com tipos de personalidades históricas e temas relacionados ao Estado e à história nacional, que trazem o enunciado de gratidão. Assim, a imaginária urbana participa da construção da memória nacional, entrelaçando Estado e sociedade. Esta relação pode construir uma memória

coletiva, pois conforme sublinha Maurice Halbwachs (2006) a cidade é, por excelência, um espaço de memória coletiva:

[...] o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda. (Halbwachs, 2006, p. 170).

Podemos dizer, então, que a construção da memória se projeta enquanto expressão de poder simbólico do Estado, traço significativo afirmado pelo erguimento e pela promoção das imagens urbanas nos espaços públicos das cidades, que teve início ainda no final do século XIX, e se consolidou nas oito décadas que se seguiram o século XX. De acordo com George Balandier:

O poder estabelecido unicamente sobre a força ou sobre a violência não controlada teria uma existência constantemente ameaçada; o poder exposto debaixo a iluminação exclusiva da razão teria pouca credibilidade. Ele não consegue manter-se nem pelo domínio brutal e nem pela justificação racional. Ele só se realiza e se conserva pela transposição, pela produção de imagens, pela manipulação de símbolo sua organização em um quadro cerimonial. Estas operações se efetuam de modos variáveis, combináveis, de apresentação da sociedade e de legitimação das posições do governo. (Balandier, 1982, p. 7).

Nesses termos, podemos dizer que o Estado impõe estrategicamente seu poder pelo investimento no imaginário coletivo, que se realiza, principalmente, pela manipulação do simbólico instituído: imagens urbanas escultóricas, ícones, objetos de culto, museus, bandeira nacional, heróis nacionais, entre outras narrativas que constroem e celebram o passado oficial do país. Pierre Bourdieu ressalta que os símbolos possuem o poder de confirmar ou transformar a visão de mundo, e esse poder simbólico só será eficaz se não for percebido como arbitrário, sendo esta uma forma transfigurada de outras formas de poder (2007, p. 14).

Essa composição de poder a cerca da imaginária urbana sofreria transformações em sua estrutura de forças, a partir do processo de redemocratização do país, após a década de 1980, a cidade baiana de Vitória da Conquista é um exemplo paradigmático desse fenômeno. Ela possui uma coleção de dezesseis imagens urbanas, que começou a ser distribuída entre 1926 e 2010. Porém, mais de 50% do total de peças foram erigidas a partir da década de 1980. Além disso, aparecem temas e personalidades que antes estavam desprestigiados socialmente, como, por exemplo, o índio, as vítimas (mortos e desaparecidos) do Regime Militar e os imigrantes nordestinos. Há, também, o aumento do erguimento de imagens com temas universais relacionados às religiões (Bíblia Sagrada, Cristo, Nossa Senhora). De modo geral,

percebemos, nas peças de imaginária, erigidas após a década de 1980, a heterogeneidade temática e um movimento de inclusão de memórias no tecido social urbano.

A construção da memória social em Vassouras a partir da imaginária urbana ¹²

Quadro das imagens urbanas de Vassouras (caracterização a partir da tipologia e da cronologia)

Séc./Déc.	XIX	XX	XX	XX	XX	XX	XXI	Sem data	Total
Tipologia		10/20	30/40	50/60	70/80	90/2000	2010		
Busto		1-1917	1-1931 1-1941	1-1952		1-1999 1-2008			06
Equipamento Urbano	1-1846 1-1849 1-1869								03
Estátua							1-2010		01
Ícone									
Escultura				1-1957					01
Marco			1-1933			1-1991 1-1996			03
Conjunto Monumental									
Placa						1-1991			01
Cabeça									
Efígie				1-1954					01
Total	03	01	03	03		05	01		16

A cidade de Vassouras possui uma coleção de imagens urbanas reunidas num total de dezesseis peças, erigidas entre os séculos XIX, XX e XXI, período de tempo que corresponde a 164 anos. Em relação à data do erguimento das peças, todas foram identificadas. No século XIX, foram erigidas três peças. No século XX, na década de 1920, tem-se apenas uma peça;

nas décadas de 1950/60, foram erigidas três peças e, em 1970 e 1980, não consta nenhuma. Na década de 1990, tem-se cinco peças e, em 2010, apenas uma. O total de peças erigidas de 1846 a 1980, período de 134 anos, corresponde ao universo de 10 peças. Após a década de 1980 até o ano de 2010, foram erigidas seis peças, num intervalo de tempo de apenas 30 anos.

Dessa forma, há um aumento significativo após o período de redemocratização do país, tendo em vista o número de peças erigidas em relação ao tempo em que houve tais promoções. Em outros termos, podemos dizer que, em 134 anos, antes da década de 1980, foram erigidas 10 peças, apresentando uma taxa de 0,07 peças por ano. Depois dessa década, temos um período de 30 anos em que são erigidas seis peças, o que corresponde a uma taxa de 0,2 peças por ano.

Neste último período, houve um aumento expressivo, em torno de 195%, na taxa de construção de peças por ano após o período de redemocratização do país. Ao lado disso, tem-se a valorização de peças relacionadas a temas e figuras antes desprestigiadas e/ou excluídas do tecido social urbano, como, por exemplo, o Memorial de em homenagem a Manuel Congo e o Memorial Judaico.

Em relação à tipologia, tem-se a supremacia dos bustos, que soma um total de seis peças e é acompanhada pela predominância de personalidade política como tema, que equivale a um total de seis peças. Logo em seguida, tem-se o evento enquanto tema relacionado à cidade, com duas peças. Para a aquisição e a iniciativa, tem-se um total de 12 peças, que foram erigidas pelo poder público. Em relação à aquisição e tema, a predominância está para obras públicas com temas de personalidades, somando um total de seis peças, seguidas pela obra pública com o tema evento, com duas peças, como em personalidade/evento, também com duas peças. Em relação à tipologia e material, tem-se a supremacia dos bustos em bronze com base em concreto num total de seis peças, seguidos da cantaria, que corresponde a três peças. Logo em seguida, tem-se a combinação de materiais, com duas peças. Em relação à tipologia e logradouro, tem-se a predominância dos bustos erigidos nas praças com um total de cinco peças, seguidos dos marcos nas ruas, com três, e do equipamento urbano, com duas peças erigidas em praças.

Do universo da coleção de imagens urbanas, sete estão relacionadas a figuras da República. Temos duas peças que fazem homenagem à cidade, e apenas uma que se refere à religião. Seis fazem referência ao tempo do Império, três, a equipamentos urbanos, e uma, a personalidade: 1) o chafariz monumental, 2) o chafariz D. Pedro II, 3) o chafariz cabeça de frade, 4) o busto de Eufrásia Teixeira Leite. Temos, ainda, duas peças que, embora se

reportem ao tempo do Império, são representativas dos valores democráticos: 1) o Memorial Judaico, 2) o Memorial de Manuel Congo.

A distribuição de imagens urbanas teve início no século XIX, momento em que foram erigidas três peças de imaginária que correspondem a equipamentos urbanos, caracterizados como obras públicas: o chafariz monumental, o chafariz D. Pedro II e o chafariz cabeça de frade. Essas peças eram comuns na cidade para abastecimento de água. Das três peças, apenas o chafariz D. Pedro II é representativo da sociedade aristocrata e foi construído para celebrar o aniversário do Imperador, por ocasião de sua visita à cidade. A peça não tem nenhuma inscrição que identifique o seu conteúdo narrativo à figura do Imperador. Nesse sentido, podemos inferir que se restringe à disseminação de conteúdo narrativo da peça, que seria um suporte de memória para a relação simbólica entre a cidade e o personagem da história nacional. Outra peça que faz referência ao tempo do Império trata-se do busto em homenagem a Eufrásia Teixeira Leite. Apesar de pertencer à aristocracia por condição social, ela não representa a sociedade de sua época, conforme sublinha Marilda Corrêa Ciribelli:

Eufrásia não pode ser considerada como figura representativa da Aristocracia Cafeeira porque se destacou das demais mulheres da época, ou melhor, contrastou-se com elas por sua mentalidade progressista que fugia a qualquer padrão que pudesse tolher seus passos e sua vontade (Ciribelli, 2003, p.7).

Eufrásia teve um romance com Joaquim Nabuco, porém não se casou nem teve filhos. Ao morrer, deixou em testamento sua fortuna para fins filantrópicos destinados a criar instituições assistencialistas de educação e saúde pública em sua cidade natal. Uma de suas propriedades, em Vassouras, a casa de seus pais onde residiu, transformou-se em museu (Museu Casa da Hera) e foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-Iphan, em 1952. O busto em homenagem a Eufrásia foi erigido em 1941 e está no jardim do Colégio Sul- Fluminense de Aplicação. O lugar fica um pouco distante do centro histórico da praça que leva o nome de Eufrásia.

Ainda, da coleção da cidade de Vassouras, temos duas peças de imaginária erigidas após a década de 1980, que tratam de temas relacionados aos valores democráticos: 1) Memorial Judaico e 2) Memorial Manuel Congo. Embora essas peças de imaginária não se relacionem do ponto de vista do conteúdo narrativo, ambas têm em comum o tempo do Império e se relacionam a aspectos de exclusão social. O memorial Manuel Congo foi erigido em 1996 e é mantido pela Prefeitura de Vassouras e pelo Centro Espírita *Pai Manuel Congo*. Está localizado no Largo da Pedreira, no final de uma rua sem saída. Cinco anos após o erguimento do memorial, no dia 13 de maio de 2001,¹³ o jornal *O Dia* traz a seguinte

manchete: “Relíquias do ciclo do café - 200 anos de história, que estavam às traças, começaram a ser recuperados no centro de documentação da Fundação Severino Sombra.” As relíquias que a manchete menciona são 750 caixas, contendo documentos que foram encontrados nos porões de fóruns, cartórios, prefeituras e igrejas, sobre processos criminais, civis e comerciais dos séculos XVIII, XIX e XX, referentes à região do Vale do Paraíba do Sul.¹⁴ Com base nos estudos desses documentos, que trouxeram informações importantes sobre a insurreição escrava de Vassouras ocorrida em 1938, pesquisadores, autoridades políticas e outros segmentos da sociedade começaram a reivindicar um lugar na história para Manuel Congo, bem como seu reconhecimento como herói nacional.¹⁵

Em julho de 2001, o *Jornal do Brasil* traz a seguinte manchete¹⁶: “Herói: Manuel Congo, um lugar na história para o líder negro”. A matéria do jornal apresenta um breve resumo sobre insurreição e ressalta a liderança de Manuel Congo. Além disso, traz uma série de entrevistas com pesquisadores e personalidades políticas, como Isabel Rocha, Arnaldo Cesar, Joaquim Falcão, Manolo Florentino e Fernando Henrique Cardoso. Apesar das diferenças que separam as posições tomadas pelos entrevistados em relação à história de Manuel Congo, todos trazem em comum, em seus discursos, a importância do reconhecimento do líder negro para a História do Brasil. Essa perspectiva se insere no contexto democrático de mudanças sociais e confronta-se com a história dominante, cuja memória dos barões do café marca a identidade da cidade de Vassouras na História do Brasil.

Conforme as fontes consultadas,¹⁷ Manuel Congo teria sido um dos líderes da insurreição escrava junto com Epifânio Moçambique, ocorrida em Vassouras em 1838, que envolveu centenas de escravos de várias etnias.¹⁸ Segundo a tradição histórica, Manuel Congo foi enforcado no local onde foi erigido o memorial que leva o seu nome, no dia 6 de setembro de 1839. Todos os anos, nessa data, uma comunidade encarregada de preservar o memorial promove uma celebração ecumênica com missa e outros rituais religiosos, além de atividades culturais. Essa celebração certamente contribuiu para o processo de construção e disseminação da memória de Manuel Congo e de grupos sociais que, durante muito tempo, ficaram à margem da memória oficial.

Outra imagem urbana que traz valores democráticos corresponde, trata-se do Memorial Judaico, erigido em Vassouras, em 1991, e localizado no jardim do Asilo Barão do Amparo (antiga Santa Casa de Misericórdia), no centro histórico da cidade de Vassouras, em frente à Praça Barão de Belo Campo. De acordo com Luiz Benyosef,¹⁹ os pesquisadores Frieda Palidowa Wolff e Egon Wolff²⁰ descobriram a presença de dois judeus que viveram na cidade de Vassouras no século XIX, e uma história singular sobre o sepultamento desses

judeus, que foram enterrados no jardim da Santa Casa de Misericórdia, uma instituição eminentemente católica.

Conforme os registros históricos, no dia 23 abril de 1859, Benatar faleceu, gerando um problema para a família, os amigos e as autoridades locais. Seu corpo ficou embalsamado durante uma semana, esperando a decisão de onde seria sepultado, fato que ocorreu no jardim da Santa Casa de Misericórdia.²¹ Inácio Raposo traz uma referência ao acontecimento:

Diz um antigo prólogo que há males que vêm para o bem. Foi o que se deu com os últimos despojos do israelita [Benatar]. Fossem eles metidos num cemitério, e já teriam sido há muito tempo incinerados. Ali naquele cantinho da Santa Casa ficará para sempre, ao abrigo das mãos sacrílegas dos coveiros, sempre cercados de flores, na primavera da morte. (Raposo, 1978, p.81)

A singularidade dessa história se traduz pelo fato de que a Santa Casa de Vassouras deu “morada eterna” para dois judeus. Numa entrevista para o *Jornal do Brasil*, Frieda Wolff diz: “É o único memorial judaico do mundo mantido por uma instituição católica”. Numa outra reportagem do mesmo jornal, Frieda afirma o seguinte: “Conseguimos juntar um grupo de pessoas interessadas em preservar a memória independente de qualquer religião.” Nessa ocasião, Frieda estava se referindo às pessoas que ajudaram na recuperação do jardim e na construção do memorial para homenagear os judeus. O projeto do jardim onde foi construído o Memorial Judaico foi feito pelo paisagista Burle Marx. Os túmulos não estão exatamente no local onde foram sepultados os judeus. De acordo com Luiz, não se sabe exatamente o ponto do terreno no jardim onde Benatar e Levy foram sepultados. O memorial certamente colocou em evidência a memória dos judeus e abre possibilidades para (re) leituras do passado.²²

A despeito das diferenças que separam as narrativas, tanto o Memorial de Manuel Congo quanto o Memorial Judaico²³ parecem se relacionar não só à temporalidade, guardadas as devidas diferenças e singularidades que separam as histórias, ambas carregam atributos comuns no que se refere à exclusão social.²⁴ Paulo Knauss sublinha que, quando erigida no espaço citadino, esse tipo de imagem urbana:

[...] ganha um alcance específico que se associa a uma determinada categoria de cidadãos. Paradoxalmente, a partir desse recurso simbólico, o grupo ou a comunidade particular consegue projetar-se no ambiente urbano, inscrevendo-se no tecido social da cidade. (Knauss, 1999, p. 10)

Podemos dizer que o enunciado de exclusão que, em princípio, evidenciou-se na narrativa que fundamenta o erguimento do memorial a Manuel Congo e do memorial aos

Judeus marca a promoção de grupos sociais antes desprestigiados e/ou excluídos do tecido social urbano. Acontece também a emergência de memórias, antes, *marginalizadas*²⁵ e excluídas que entram em evidência e, por conseguinte, em disputa, coexistindo no mesmo espaço urbano onde existem outras memórias (dos grupos dominantes). Algumas vezes, ao lado desse fenômeno, acontece um processo de luta por reconhecimento e (re) construção de identidades. Michael Pollack sublinha que:

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como, coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (Pollack, 1992, p.5).

Michael Pollack, ao falar sobre as memórias coletivas impostas e definidas pelo trabalho especializado de *enquadramento da memória* [memória nacional ou oficial] e de outras *memórias* que ele chama de *marginalizadas*, adverte que:

Nenhum grupo social, nenhuma instituição, por mais estável e sólida que possa parecer, têm sua perenidade assegurada. Sua memória, contudo, pode sobreviver e seu desaparecimento, assumindo em geral a forma de um mito que, por não poder se ancorar na realidade política do momento, alimenta-se de referências culturais, literárias ou religiosas. O passado longínquo pode então se tornar promessa de futuro e, às vezes, desafio lançado à ordem estabelecida. Quando elas se integram bem na memória nacional dominante, sua coexistência não coloca problemas. [...] (Pollack, 1989, pp.10-11)

A materialização do passado pela imaginária urbana traz novas referências, possibilitando a emergência de memórias, antes, *marginalizadas* que podem se integrar à memória nacional, mediante um processo que passa por uma releitura do passado. A memória social, ao encontrar suporte nos objetos da imaginária urbana, organiza o espaço simbólico da cidade atualizando-se no tempo e, nesse sentido, evidenciam-se novas leituras do passado. Podemos afirmar que as imagens urbanas erigidas no espaço público das cidades quando reivindicam novas leituras do passado se caracterizam enquanto metáforas de poder.

Considerações finais

A tradição historiográfica atribui à cidade de Vassouras uma identidade imperial, na qual se evidenciam alguns aspectos de poder da sociedade conservadora do século XIX, momento em que se desenvolveu o prestígio dessa aristocracia, que teve sua proeminência econômica, social e política procedente, sobretudo, da agricultura cafeeira baseada no regime

escravista. Curiosamente, a imaginária urbana afirma a preponderância de imagens urbanas de figuras relacionadas à República. Essa perspectiva ocorreu a partir do contexto de redemocratização, momento em que houve um aumento na promoção das imagens urbanas na cidade de Vassouras²⁶, uma prática que pode ser recorrente em outras cidades brasileiras.²⁷ O estudo da imaginária urbana da cidade de Vassouras contribuiu para afirmar a nova conjuntura política, que pulsa articulada pelas transformações sociais iniciadas com o processo de redemocratização do país e se assegura a partir da Constituição Federal Brasileira de 1988. Diante desse novo cenário, a cidade afirma sua autonomia política a partir do erguimento e da promoção de imagens urbanas as quais constroem a memória social, trazendo outras leituras do passado e reivindicando uma nova identidade²⁸ e, nesse sentido, atualizando-se no tempo.

Portanto, onde, antes, eram exibidas imagens urbanas de figuras políticas, como por exemplo, Getúlio Vargas e temas ligados ao Estado e à história nacional, apresenta-se um universo polifônico onde atuam múltiplas memórias que coexistem e trazem novas leituras do passado, numa dinâmica social de apropriações, conflitos, contradições, rupturas e continuidades. É importante destacar que esse campo patrimonial, onde atuam múltiplas memórias só é possível numa sociedade em que o poder político se configura a rigor pela via democrática.

Notas

¹ Doutora em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

² Este artigo é uma versão revisada de parte do quarto capítulo de minha tese de doutorado apresentada em 2013, ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, sob a orientação dos professores Dra. Vera Dodebei (UNIRIO) e Dr. Paulo Knauss da (UFF). Esta pesquisa contou com apoio institucional mediante bolsa de estudo fomentada pela CAPES.

³ De acordo com Alberto Lamego (1963), Vassouras, no auge de sua produção cafeeira, deve ter possuído uma das maiores populações negras escravas do Brasil. De 36 mil habitantes de Vassouras, 20 mil eram escravos. O autor menciona que Vassouras só perdia essa posição estatística escravista para Campos dos Goytacazes.

⁴ O centro de cidade de Vassouras preserva parte desse acervo patrimonial do século XIX e reutiliza alguns desses espaços, antes privados, com atividades de apreciação coletiva (museus, casa de cultura, entre outros). Também faz parte do patrimônio da cidade a coleção de imagens escultóricas urbanas que se encontram erigidas no espaço público. Essas imagens de base histórica e conteúdos narrativos retratam fragmentos do passado da cidade.

⁵ Para Jô Gondar a memória social pode ser lida como um produto do entrecruzamento de diversas disciplinas, não constitui um território unívoco, mas um território polissêmico. A pergunta - *O que é memória social?* - não recebe jamais uma resposta única: a memória comporta diversos sentidos, conforme a disciplina ou o pensador que dela se ocupe. Esta polissemia aparece, também, em noções correlatas, fazendo com que as concepções de memória individual e memória coletiva apresentem variações em diferentes saberes. Aqui compreendemos a memória social como um

instrumento de poder, não só no campo das representações, mas como uma construção processual do passado que parte sempre do presente, mas podem apontar para o futuro. Tais questões implicam condições políticas e éticas que se tecem a partir das práticas culturais num universo de informações e construção de conhecimentos. (2005).

⁶ O termo *imagem* – de que *imaginária* é o coletivo – associa-se à ideia de representação e à noção de símbolo. Nesse caso, pode confluír-se tanto com marcos e monumentos, como, particularmente, estátuas e obras de escultura. Uma imagem, então se objetiva em forma de expressão material, o que identifica com a produção artística. Ao lado disso, a imagem define-se como representação plástica ou como elemento que evoca algo por relação simbólica ou semelhança. O termo refere-se a conceito e ideia, enquanto reprodução mental de algo, especialmente, de sensação. A associação com a morte, ou mortos, ou simplesmente com o passado é outra relação sugerida pela etimologia. O sentido da categoria de imaginária extrapola, assim, o universo particular das figuras humanas e o dos objetos de estatuária a produção plástica escultórica. Ao lado disso, as noções de monumento e marco, delimitadas por seu conteúdo temporal e espacial, também podem ser abarcadas pela categoria de *imaginária* caracterizada pelo conjunto de imagens do tempo e do espaço. (Knauss, 1998, p. 45)

⁷ Não é raro o desconhecimento dos indivíduos acerca do conteúdo narrativo de origem das imagens urbanas. Isso não esvazia um papel simbólico desempenhado pela imaginária, pois, algumas vezes, a esses objetos são atribuídos outros sentidos e/ou eles demarcam o espaço cotidiano na cidade e servem de marco para encontros, referência de identificação de lugares, entre outros.

⁸ As imagens urbanas podem carregar o atributo de *semióforos*, na medida em que se afirmam pelo valor simbólico de seu passado (Pomian, 1984). *Semióforo* vem do grego *semeiophoros*, composta por outras duas palavras: *semeion* – “sinal” ou “signo”, e *phoros* – “trazer para a frente”, “expor”. Sua definição é complexa e engloba vários significados, operando num terreno das relações simbólicas. Um *semióforo* enuncia “um signo trazido à frente ou empunhado para indicar algo que significa e cujo valor não é medido por sua materialidade, e sim, por sua força simbólica: uma simples pedra, se for o local onde um deus apareceu, ou um simples tecido de lã, se for o abrigo usado, um dia, por um herói, possuem um valor incalculável, não como pedra ou como pedaço de lã, mas como lugar sagrado ou relíquia heroica. Um *semióforo* é fundado porque dele não cessam de brotar efeitos de significação. (Chauí, 2005, p. 12).

⁹ Podemos, dizer, então, que as imagens urbanas cumprem os quatro critérios definidos por Pomian para considerar uma coleção. O segundo critério que identifica uma coleção pode ser justificado na medida em que se considera a cidade um ambiente fechado delimitado por suas fronteiras municipais, que se caracterizam por demarcarem um determinado espaço local. Consideramos, antes, o espaço fechado do ponto de vista simbólico. Ao lado disso, considerarmos a cidade enquanto colecionador, sujeito coletivo que acumula e organiza objetos em seu espaço urbano.

¹⁰ “Historicamente o costume de distribuir peças escultóricas na cidade teve como entro e modelo o movimento francês, concentrado no erguimento de estátuas. Na França, do século XIX, o movimento chegou a ser caracterizado como mania, dando origem à expressão estatuamania-revalorizado na historiografia recente pelos trabalhos de Maurice Agulhon.” (Knauss, 2003, p. 176)

¹¹ No município de Vitória da Conquista, encontra-se erigido um monumento em homenagem a Getúlio Vargas, inaugurado com a presença dele na cerimônia, em 1950. Na cidade do Rio de Janeiro, encontram-se erigidas algumas imagens urbanas em homenagem à figura política do estadista Getúlio Vargas. Em 1954, foi erigido um busto na Praça Marechal Floriano, na cidade do Rio; no bairro da Glória, encontra-se o memorial inaugurado em 2004. Em Paquetá, na Praça São Roque, tem-se outra imagem, sem data. Em Benfica, na Praça Getúlio Vargas, encontra-se um busto inaugurado em 1966. Em Campos dos Goytacazes, no Distrito de Tócos, encontra-se um busto em homenagem a Getúlio Vargas, erigido em 1955. Em Nova Friburgo, há uma escultura de Getúlio Vargas, na praça que leva o seu nome, inaugurada em 1955. Existem outras imagens urbanas em homenagem ao estadista no estado do Rio e em outros estados brasileiros. Aqui apresentei apenas algumas a título de exemplo.

¹² Para uma apreciação da pesquisa de tese de doutorado que originou este artigo ver em. *Imagens Urbanas, Patrimônio Cultural e Memória Social no Brasil contemporâneo*: Estudo de caso das cidades de Campos de Goytacazes e Vassouras no estado do Rio de Janeiro. Disponível em <<http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Teses/Tese25.pdf>> Acesso em out. 2014. Empregando os princípios metodológicos utilizados pelos professores Paulo Knauss e Marcelo Abreu, com o banco de dados no Programa Microsoft Acess, organizamos a pesquisa para a tese de doutoramento. Tal procedimento se dividiu em etapas. Na primeira, identificamos as imagens pela indexação das fotografias (tiradas pela autora) das duas

coleções de imagens urbanas das cidades de Vassouras e de Campos dos Goytacazes. Na segunda, construímos categorias para classificação das imagens, tratamos sobre tipologias, tempo, iniciativa, promoção, tema, logradouro etc. Na terceira, organizamos as coleções das cidades, escrevendo os resumos e indexando-os, com o propósito de fundamentar as informações para alimentar o relatório fornecido pelo Programa. Nesse levantamento, procuramos relacionar as informações sobre tipologia, tempo, promoção, iniciativa, logradouro etc. Com base na técnica de entrevistas abertas, realizamos uma pesquisa de campo com alguns moradores e pessoas estudiosas da cidade, pessoas anônimas e, também, pessoas cujos nomes estão ligados às aristocracias fundadoras das cidades. Cabe esclarecer que se trata aqui de um recurso de pesquisa qualitativa de campo, realizado por meio de conversas não dirigidas que subsidiaram e enriqueceram as análises sobre os dados fornecidos pelo relatório, bem como as interpretações de base historiográfica, entre outros documentos e fontes pesquisadas. Por último, identificamos tendências gerais sobre as imagens urbanas, definidas por um levantamento quantitativo e qualitativo de dados e informações. Por meio dessa investigação e análise à luz da produção historiográfica, do campo conceitual da tese, buscamos tecer um estudo acerca da relação entre os objetos da imaginária, a construção da memória social a partir das imagens urbanas das duas cidades. Cf. ABREU, Marcelo Santos & KNAUSS, Paulo. Caracterização da Imaginária urbana no Rio de Janeiro: Relatório III – Projeto da Cidade. Niterói. LABHOI – Departamento de História – UFF-1995.

¹³ É interessante verificar que, com emergência do Movimento Negro em 1982, as comemorações do dia 13 de maio (dia da abolição da escravidão negra no Brasil) foram substituídas pelo dia 20 de novembro, aniversário da morte de Zumbi. “o Movimento Negro reivindica uma efetiva liberdade para os negros e denuncia os limites da abolição, comemorando o Dia Nacional da Consciência Negra” (Soares, 1999, p. 117).

¹⁴ Fonte: Jornal *O Dia*, 13 de maio de 2001. Arquivo Municipal da cidade de Vassouras. Consulta feita em 2010.

¹⁵ A história de Manuel Congo e a insurreição escrava em Vassouras estavam em processo de estudos no Iphan para o possível reconhecimento dele como herói nacional. Em 2009, Manuel Congo foi reconhecido como herói fluminense. Ele terá seu nome no livro dos heróis do estado do Rio de Janeiro. Além disso, outras homenagens foram organizadas. PROJETO DE RESOLUÇÃO Nº 340/2011, concede medalha Tiradentes a Manuel Congo.

¹⁶ Fonte: *Jornal do Brasil*, 2ª edição, 22 de julho 2001, p. 10.

¹⁷ Processo-crime de insurreição. Centro de Documentação Histórica, Universidade Severino Sombra (CDH). Ver também em Relatório do presidente da província do Rio de Janeiro, o conselheiro Paulino José Soares de Souza, na abertura da 2ª sessão da 2ª legislatura da Assembleia Provincial, acompanhamento do orçamento da receita e despesa para o ano de 1839 a 1840. Segunda edição. Niterói: Typ. De Amaral & Irmão, 18514. Disponível em <www.crl.uchicago.edu> Acesso em 20 de fev. 2013.

¹⁸ Cf. FARIA, Sheila Castro, de. 2005. De acordo com a autora, a insurreição na cidade de Vassouras havia envolvido um grande número de escravos de diferentes etnias. Quando o inventário do Capitão Mor Manoel Francisco Xavier (fazendeiro proprietário de Manuel Congo) foi aberto constava “uma escravaria de 440 pessoas, composta majoritariamente por escravos de origem africana (89 %) e um extremo desequilíbrio entre homens e mulheres. Quanto à origem, 87, 2% deles eram da costa centro-ocidental e 11% da África Oriental, de várias das etnias, imperando benguelas, congos, cabindas e moçambicanos, portanto, grande uma maioria de língua banto. (Castro, 2005). Ainda, segundo Faria, a língua e a experiência do cativo nesta “região do Sudeste” teria sido um fenômeno que promoveria uma certa unidade aos grupos de diferentes etnias e até mesmo inimigos históricos, o que certamente teria contribuído com a insurreição.

¹⁹ Entrevista aberta com o professor Luiz Benyosef (Pesquisador titular do Ministério da Ciência e Tecnologia e Presidente do Memorial Judaico de Vassouras), concedida em 20 de fevereiro de 2013.

²⁰ Frieda e Egon nasceram em Berlim, se casaram e, com o advento do Nazismo, o casal deixou a Alemanha em 1935, vindo a se estabelecer no Brasil. Aqui iniciaram uma vida dedicada a pesquisar sobre os judeus no Brasil, desde o período colonial. Eram sócios titulares do IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro). Egon faleceu em 1991, Frieda faleceu aos 96 anos, em 2008. Ver em Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG. Belo Horizonte, v. 2, n. 3, out. de 2008, uma entrevista feita por Sofia Débora Levy a Frieda Wolff. A descoberta sobre os dois judeus em Vassouras se deu em 1986.

²¹ Benatar, além de rico comerciante era membro benemérito da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia. A primeira referência de judeus em Vassouras, encontrada pelo casal de pesquisadores Frieda e Egon teria sido o nome de Benatar

na lista de membro da Maçonaria, no livro de Inácio Raposo, outra referência traz o lugar de onde Benatar teria sido enterrado: “marca a sepultura desse hebreu [Benatar] uma pedra retangular de duas polegadas de grossura, um metro de comprimento e meio de largura, tudo isso aproximadamente colocado em sentido vertical, com uma pequena inscrição em caracteres hebraicos e toda cercada de arbustos reffloridos que vários funcionários daquele nobre instituto piedosamente conservam.” (Raposo, 1978, p. 81). Dezenove anos se passaram da morte de Benatar, e outro judeu foi enterrado no mesmo jardim, Levy Morluf, mas não foram encontrados registro da história dele.

²² Em 2007, o Asilo Barão do Amparo (antiga Santa Casa de Misericórdia) onde está o Memorial Judaico sofreu um incêndio. Os moradores foram deslocados, e o memorial, fechado. O memorial consta do roteiro turístico da cidade que conta com visita orientada por guia turístico. Quando estive pesquisando na cidade, em 2010 e 2011, não pude entrar no local, pois estava fechado para reformas. A reabertura do Memorial estava prevista para o final de 2013. Luiz Benyosef falou sobre um pré-projeto que ele apresentou para o Iphan de revitalização do Memorial. Na proposta está prevista a criação do Centro de Memória da Imigração Judaica, no século XIX, Egon e Frieda Wolff. Segundo Benyosef, o centro será uma referência para estudos da memória dos judeus para o Brasil.

²³ Partimos do princípio de que o caso Benatar só foi possível na medida em que se verifica em sua história que viveu numa posição social privilegiada, no meio da alta sociedade vassourense, além disso, como católico. Só revelou ser judeu no leito de morte, fato que promoveu sua exclusão, naquele contexto cultural.

²⁴ Em 2011, o Memorial Judaico e o Conselho dos Direitos dos Negros (CEDINE) organizaram conjuntamente as solenidades do Dia Universal dos Direitos Humanos, evento que aconteceu em Vassouras, nos dias 9 e 10 de dezembro de 2011. O evento apresentou diversas palestras e um debate sobre o filme “Pequena Anne – Memórias do Campo”. A organização do evento contou com a participação das professoras Gláucia Flores e com a colaboração da professora Celeste Guberfain, ambas da UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro).

²⁵ Usamos o termo *memórias marginalizadas* conforme Michael Pollack em seu texto: *Memória, esquecimento e Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3 1989, p. 3-1155.

²⁶ E, conforme a minha pesquisa de dissertação de mestrado, esse fenômeno ocorreu na cidade de Vitória da Conquista no estado da Bahia.

²⁷ É importantes destacar que, esse aumento na promoção das imagens urbanas nas cidades pode-se caracterizar como um fenômeno próximo a *estatuamania* ocorrida na França do século XIX.

²⁸ Essa hipótese foi discutida a partir de minha pesquisa de Dissertação de Mestrado em Memória Social, Patrimônio e Linguagem (título: *Monumentos de Vitória da Conquista: Patrimônio Cultural e Discursos de Memórias*), apresentada ao Programa de Pós-graduação em Memória Social, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, sob a orientação das professoras Dra. Vera Dodebei e Dra. Evelyn Orrico, em 2009. O desdobramento desta pesquisa originou minha tese de doutorado defendida em 2013, na mesma Universidade.

Referências

ABREU, Regina. *A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de construção no Brasil*. Rio de Janeiro: Lapa/Rococó, 1996.

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

ABREU, Marcelo. *Coleção urbana: imaginária e identidade da cidade*. Angra dos Reis: LABHOI PPGH-UFF/SME, 2001.

BALLANDIER, Georges. *O poder em cena*. Brasília: Uneb, 1982.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1998. p. 41.

CIRIBELI, Marilda Corrêa. *Uma visão histórica sobre Eufrásia Teixeira Leite*. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.493.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2013.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil. Mito fundador e sociedade autoritária*. 1. ed. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2005 (Coleção História do povo Brasileiro).

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 8. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

FARIA, Sheila Castro de. *Identidade e comunidade escrava: um ensaio*. Disponível em: <http://www.google.com.br/academico>> Acesso em: 09 jan. de 2012.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (Orgs). *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005.

GRINBERG, Keila. *Onde enterrar Benjamin Benatar?* Insight Inteligência (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. VIII, n.3, p. 98-104, 2005.

HALBWCHAS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

KNAUSS, Paulo. *Imagens urbanas e poder simbólico nas cidades do Rio de Janeiro e de Niterói*. 1998. Tese (doutorado em História Social). Universidade Federal Fluminense, Centro de Estudos Gerais, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Programa de Pós-Graduação em História, Niterói, 1998.

_____ (Coord.) *O sorriso da cidade imagens urbanas e história política de Niterói*. Niterói: Fundação de Arte de Niterói, 2003.

_____ (Coord.) *Cidade vaidosa: imagens urbanas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 1999.

_____. *O desafio de fazer história com imagens arte e cultura visual*. Arte e Cultura UFF. v. 8. p.97-116, 2006.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O homem e a serra*. 2ª. ed. IBGE. Conselho Nacional de Geografia, 1963.

MATTOS, João Baptista de. *Os monumentos nacionais*. A força expedicionária no bronze. Separata - Revista Militar Brasileira, Nºs 1 e 2, jan e jun 1960.

MORAIS, Gerlane, Rodrigues. *Monumentos de Vitória da Conquista: Patrimônio Cultural e Discursos de Memórias*. (Dissertação de Mestrado em Memória Social, Patrimônio e

Linguagem, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2009).

POMIAN, Krzystof. *Coleção*. In: Enciclopédia Einaudi. Lisboa v. 1. Memória – História, Edição portuguesa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1984.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Revista Estudos Históricos, v. 5, n. 10, 1992.

RAPOSO, Inácio. *História de Vassouras*. 2. ed. Niterói: SEEC, 1978..

RIEGEL, Alöis. *O culto moderno dos monumentos: sua essência e sua gênese*. Goiânia: Editora da UGG, 2006.

STANLEY, Stein. *Vassouras: Um município brasileiro do café, 1850-1900*. (1. ed. 1957). Tradução por Vera Bloch Wrobel. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

_____ *Grandeza e decadência do café no Vale do Paraíba, com referência especial ao município de Vassouras*. São Paulo: Brasiliense, 1961.

SORES, Mariza Carvalho de. *Nos atalhos da Memória*. Monumentos a Zumbi. In: Cidade Vaidosa. Imagens urbanas do Rio de Janeiro. Coordenação Paulo Knauss. Sette Letras, 1999.